

## Um Discípulo de Guerreiro e Também um “Fora da horda”

Clovis Brigagão<sup>1</sup>

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)  
*E-mail:* [clovisbrigagao@gmail.com](mailto:clovisbrigagao@gmail.com)

**E**m 1962 me formei em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública, da FGV, onde o professor Guerreiro Ramos era professor; depois fui fazer o mestrado em ciência política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Mais tarde, exilado, fui para o México, no El Colégio de México e, de lá, para a Universidade de Chicago para fazer o doutorado como cientista político.

Conheci o Guerreiro Ramos vindo de Minas Gerais, tinha 18 anos e estudei no Gammon College, presbiteriano. No Gammon, um professor fez, durante um ano inteiro, um teste psicotécnico com um grupo de alunos, para mim o professor disse que eu tinha vocação para as ciências humanas e sociais. Eu nunca tinha ouvido falar nisso, só ouvia falar em engenharia, medicina e tal, e aí eu disse para meu pai: “Olha, eu vou para o Rio de Janeiro, pois lá tem ciências humanas e sociais”.

Então, na primeira semana que estava no Rio fui para a Livraria São José, que ficava na rua São José, no centro. Era uma grande livraria e quando fui lá estava o Rubem Braga, o Carlos Drummond de Andrade e outros intelectuais e escritores. Fiquei procurando livros sobre ciências humanas e sociais, olhando alguma coisa que pudesse ser útil para a minha vocação. Aí peguei um livro que me chamou a atenção com o título “Mito e Verdade da Revolução Brasileira”. Eu virei o livro e vi na contracapa o retrato do autor que era o Guerreiro Ramos. Olhei em frente a mim estava o próprio Guerreiro Ramos!

Fui falar com ele e me disse assim: “Ah, rapaz, mas o que é que você está fazendo aqui?”. Eu disse: “estou vindo de Minas Gerais e um professor de lá me disse que eu tenho vocação para as ciências humanas e sociais e estou querendo fazer isso”. “Ah, então vai conversar comigo lá na Fundação Getúlio Vargas, na Praia de Botafogo, que eu te espero lá”. E aí eu fui...

Isso foi em 1961, ano da renúncia de Jânio Quadros. O Guerreiro, então, foi eleito Suplente de Leonel Brizola, nas eleições de 1962. O Brizola teve a maior votação até hoje no Rio de Janeiro para deputado federal e o Guerreiro ficou como seu suplente. Eu cheguei a fazer a campanha dele. Em 1964 veio o Golpe, o Brizola foi cassado e o Guerreiro, seu suplente, assumiu o lugar na Câmara e depois de um longo discurso, o general-presidente Castelo Branco também o cassou e ele foi ser professor na FGV que o acolheu.

Quando o conheci e fui à Fundação procurá-lo, ele me disse uma coisa que ficou na minha cabeça. Perguntou-me se eu falava inglês, eu respondi que mais ou menos... Então, o Guerreiro era muito gozador, irônico e me falou: “nos Estados Unidos os negros falam inglês!”

Depois, em 1964 na porta da EBAP/FGV, conheci a minha futura esposa, Nanci Valadares e o catarinense de Lages, o Jader Marques Filho: ali já ficamos amigos, fizemos a prova de vestibular, eles passaram e eu fui reprovado, veja só! A Nanci e o Guerreiro Ramos começaram uma relação muito forte, até digo que poderia ser de muita paixão um com o outro. E eu disse para o Guerreiro: “Olha, eu estou no meio disso, eu não vou sair desse negócio porque você está apaixonado pela Nanci ou a Nanci por você. Eu também faço parte desse negócio [...]”.

Ele um dia me perguntou se eu conhecia o sociólogo francês Georges Gurvitch. Eu nem sabia nada de Gurvitch, nunca tinha ouvido falar desse autor na vida. Ele me disse: “Meu caro, para fazer sociologia, ciência política, tem que ler o Georges Gurvitch”. Era um livro gigantesco, um “tijoloço”. E aí eu fui ler o Georges Gurvitch, lia seis horas, sete horas e não entendia absolutamente nada e voltava e continuava a ler o Gurvitch, imagina só!... Estava lendo uma tradução em espanhol, acho que sim. Já tinha um texto em espanhol. E aí eu fui ser aluno do Guerreiro, creio que no segundo ano da Escola

Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, que era uma maravilha. Nós tínhamos praticamente o tempo integral na EBAP e aí também já fazia política. Estávamos já em 1964, aquela coisa toda, brutalidade só. O Guerreiro cassado e professor da EBAP. E o Guerreiro tinha uma relação com um grupo de alunos, especiais: eu, a Nanci, o Antônio Sergio Monteiro, o Hildebrando Tadeu Valadares, a Flora Cleimann (futura esposa do Tadeu), o Carlos Alberto, o Beбето, e muitos outros colegas e amigos que já não me lembro dos nomes. Todos eles são hoje profissionais gabaritados, formados pela EBAP/FGV. E depois de todas as aulas que ele nos dava, que eram umas aulas fabulosas, maravilhosas, encantadoras, assim, quase que a gente subia para o paraíso de tanta sabedoria, nós íamos para um barzinho lá na URCA onde nós bebíamos, conversávamos e então desenvolvemos uma amizade muito grande com o professor Guerreiro Ramos. E ele nos convidava para ir à sua casa, final de semana, em que geralmente aconteciam saraus modernos, com a Clélia, a esposa dele, os dois filhos dele, a Eliana G. Ramos (já falecida) e o Albertinho que vive hoje nos EUA. Desenvolvemos uma amizade profunda.

Depois, em 1966, o Guerreiro Ramos foi viver nos Estados Unidos, convidado para ser professor da Southern Califórnia, University, em Los Angeles. Ainda na EBAP ele terminou uma nova etapa em sua carreira como sociólogo, escrevendo o livro “Administração, Estratégia para o Desenvolvimento”, publicado pela editora da FGV, então pelos anos 1965/1966. Uma crítica à teoria da administração em geral e à norte-americana, em particular. Esse livro teve a assistência de um aluno seu na EBAP, o Wilson Pizza, não sei onde ele se encontra, mas um dos seguidores de Guerreiro Ramos. Esse livro já é uma segunda etapa, pois a primeira foi toda escrita entre os anos de 1950 e início dos anos de 1960: a importantíssima obra, eu diria, clássica da sociologia brasileira que é “A Redução Sociológica”. Antes dela teve a sua outra grande obra teórica: “Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”, que mais tarde reeditei (as duas obras) pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A editora era a Heloísa Buarque de Hollanda. E seguem outros clássicos que, infelizmente, são desconhecidos pelos estudantes de ciências sociais, ciência política, etc. Um livro também muito interessante do Guerreiro Ramos e que eu considero premonitório-

rio foi “A Crise do Poder”, no qual ele faz a análise política de conjuntura (o clássico da análise política de conjuntura é de Karl Marx, “18 de Brumário”), sobre o Jânio Quadros e sobre o Brizola, maravilhosas. E depois, ele fez o “Mito e Verdade da Revolução Brasileira” (o que eu encontrei na livraria São José, chegando ao Rio em 1961), assumindo o caráter do trabalhismo brasileiro, que é uma vertente que eu considero uma das vertentes mais enraizadas no solo brasileiro, como ideologia política do povo brasileiro. Também esquecida, não sei! De um socialismo democrático, de uma social democracia. O Getúlio, depois o João Goulart e o Brizola fizeram parte dessa história. O Guerreiro era do “grupo compacto” do PTB, era o grupo mais avançado, ele, Almino Afonso, San Tiago Dantas, Max da Costa Santos (que, na verdade era do PSB) e outros mais. O Guerreiro permaneceu uns dois anos na EBAP e aí foi para a University of Southern Califórnia, onde ele escreveu um grandíssimo e importantíssimo livro chamado “Reconsideração sobre a Riqueza das Nações”, que era um livro crítico às teses e às teorias de nada mais que Adam Smith!

O Guerreiro se preparou, estudou inglês, teve classes e chegou lá na University of Southern California com seu inglês mais bem preparado, começou a dar aulas em inglês e a escrever em inglês. Esse livro foi escrito em inglês, naturalmente, sofreu com o que chamamos de *copydesk*, mas foi, inicialmente, publicado pela Toronto University Press: “Reconsiderations on the Wealth of Nations” e, mais tarde, foi publicado pela editora da FGV em português. É um livro difícil, não é fácil, mas dentro de suas páginas tem o que estamos passando, em termos de desenvolvimento da liquidação dos recursos ambientais, é muito atual.

Há gente do mundo todo que foi preparado pelo Guerreiro: africanos, asiáticos, brasileiros, mexicanos, norte-americanos em muitas universidades, entre elas, destaco a Universidade Federal de Santa Catarina, onde o Guerreiro criou um programa com base nesse assunto, assim como continua sendo desenvolvido na Universidade do Sul da Califórnia. Ele formou uma escola sobre esse pensamento, renovador, que inicialmente podíamos chamar de ciência da administração, mas que era no fundo uma teoria sobre o desenvolvimento das regiões

mais pobres do mundo. E era sensacional. Guerreiro era um grande pensador, tinha um charme danado!

Quando houve a anistia, a volta para a democracia, então ele passou esses anos lá na Universidade Federal de Santa Catarina, no Programa de Administração. Infelizmente o professor Guerreiro Ramos morreu com 60 anos, era muito jovem, morreu de *câncer*.

Entre 1971-1980 estive no México, El Colégio de México, depois fui com Nanci Valadares (nessa época assinava como Brigagão), fazíamos o doutorado, com apoio da Fundação Ford, na Universidade de Chicago em Ciência Política. O Guerreiro foi várias vezes a Chicago, nos visitava e ali ficava por dias e animava as conversas e depois, em Nova Iorque, ele também esteve duas ou três vezes e tinha uma ligação clara com o Abdias e com Elisa Larkin Nascimento. Era uma relação grande, até porque a própria filha do Guerreiro veio a se casar com um dos filhos do Abdias. Eu conheci o Abdias por meio de Guerreiro, quando o Abdias morava aqui em Copacabana no Rio de Janeiro num apartamentinho em cima da Casas da Banha. O Abdias morava lá, já pintava seus Orixás. Conheci o Abdias antes de ele também partir para os Estados Unidos exilado. E ficamos amigos desde então. Eu ia de Chicago até Búffalo, onde o Abdias morava, criou-se uma amizade, para mim foi uma grande aventura ser amigos da *Irmandade da Orquidêa*, algo mítico, o Guerreiro, o Abdias, depois o Gerardo Mello Mourão, irmãos! Quando retornei, o Guerreiro Ramos passou a vir para o Brasil com maior frequência e eu já trabalhava com o Brizola. Certa noite, levei o Brizola para conversar com o Guerreiro e o encontramos vestido com um quimono chinês, todo pintado, dourado, cabelos presos, como rabo de cavalo, se postou na janela e disse ao Brizola que o queria como um Assessor Especial (o Brizola gostava de se cercar de intelectuais, sempre esteve cercado de intelectuais). O Guerreiro lhe disse: “*Não, eu agora já estou de férias, já estou aposentado, eu não quero mais, estou aqui na janela olhando vocês passarem*” (risos). E o Brizola ficou meio assim... escandalizado (risos).

Ele se autointitulava um *outsider*... – “Eu estou fora da horda, eu não participo dessa horda”. Ele admirava muito o grande pensador norte-americano, C. Wright Mills, grande pensador. Um norte-americano que escreveu um dos livros mais geniais, chamado “A Imaginação

Sociológica”. E o Guerreiro, ele dizia que era dessa escola de C. Wright Mills, que era autor da grande obra “A Imaginação Sociológica” e de outras obras muito importantes da bibliografia sociológica. O livro “A Imaginação Sociológica” remete ao livro “Redução Sociológica”, porque o Guerreiro dizia que “A Imaginação Sociológica” colocava entre parênteses o fato social, o processo social em si. Você tinha que analisar o fato social em si – e com suas relações sociais específicas – O Guerreiro era um fenomenólogo... Ele dizia que não era marxista, ele era marxiano. Ele gostava do Marx, como gostava do Max Weber, mas não tinha esse negócio do marxismo. Ele escreveu outro premonitório livro “Mito e Verdade da Revolução Brasileira”, baseado no conto do rinoceronte do teatrólogo Ionescu. Cada capítulo seguia uma frase do Ionescu, do rinoceronte, em que a manada de rinoceronte é, seguia, *não é?* Porque era manada, não tinha consciência crítica, como ele dizia. Então, essas coisas todas que Guerreiro dizia pra mim, um jovem, eram coisas absolutamente geniais.

Houve o primeiro período em que eu o conheci aqui no Rio, um encontro inusitado na livraria São José. Depois fui seu aluno na EBAP, poderia dizer que começamos uma amizade que só teve seu fim com a morte do Guerreiro. Depois teve sua ida para a University of Southern Califórnia, onde eu fiquei como representante dele para pagamentos e receber pensão, junto com seu advogado aqui no Rio de Janeiro.

Hoje me considero um discípulo do Guerreiro Ramos, toda vez que eu falo na Academia, eu digo “[...] eu sou discípulo do Guerreiro Ramos”. Como eu me sinto também, “sou fora da horda”, da Ciência Política ou das Relações Internacionais. Sou da área dos estudos e das pesquisas da Paz, me sinto muito bem com essa vestimenta. Muito bem. Assim como a minha relação com o Abdias foi nesse sentido de irmandade, de uma coisa além da Academia ou da ciência política, é sim de santa irmandade. Nós estamos no mundo aqui pra confraternizar com algumas pessoas. O Guerreiro era um, Abdias era outro e acho que dentro desse mundo, assim, eram esses que eu tinha uma enorme consideração, respeito e admiração,

Muito bem, eu saí dos Estados Unidos no final de 1975 e fui para Portugal, muito em razão da Revolução dos Cravos, o fim do fascismo,

da colonização portuguesa na África. *Aí* eu perdi um pouco o contato com o Guerreiro, embora as cartas, assim como as cartas que ele mandava para Nanci e a Nanci mandava pra ele: são cartas que eu conheço e até tive a intenção de publicá-las, *mas considerei que eram cartas pessoais*. Fiz duas reedições dos livros do Guerreiro aqui no Brasil por meio da Heloísa Buarque de Hollanda, pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “A Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”, em que eu descobri um artigo inédito do Guerreiro, e depois veio a publicação da “A Redução Sociológica”. Nesta última obra, eu pedi para o Celso Furtado, o Eduardo Portela (que publicou a Redução em 1956/1957), o Abdias, o Gerardo Mello Mourão e para a Nanci Valadares que escrevessem uma frase sobre o Guerreiro.

Nós achávamos que, como o Guerreiro dizia, tudo que vem para o Brasil vem, não de uma forma mecânica, chega aqui, se transforma, sofre “a redução sociológica”. A “Redução Sociológica”, obra clássica de estudo sobre o FNM (fenemê): um caminhão dos mais feios que o Brasil já fabricou na vida. Era da Fiat, um *bulldog*, mas que enfrentava essas estradas nada bonitas que o Brasil tinha nessa época, nos anos 1940, 1950, imagina. Até hoje o Brasil tem problema de estrada, imagina nos anos de 1950/1960, não tinha asfalto era puro barro. O Guerreiro Ramos escreveu esse livro com essa noção de redução sociológica, uma análise crítica sobre essa reinterpretação do Brasil de produtos, objetos e ideias. Preciso mencionar que o ex-aluno do Guerreiro, seu assistente, Wilson Pizza, é outra pessoa que também foi muito importante na vida do Guerreiro: ele era o seu discípulo, acadêmico, da escola do Guerreiro Ramos. Ele que ajudou o Guerreiro a escrever aquele livro “Administração, Estratégia e Desenvolvimento”, publicado pela Fundação Getúlio Vargas. É um livro que analisa toda a consideração sociológica de uma estratégia para o desenvolvimento como um país, o Brasil, mas que também serve pra qualquer país em desenvolvimento da África, da Ásia, da América Latina. É um grande livro, importantíssimo, no qual ele faz uma grande crítica às teorias de administração norte-americanas.

De volta ao Brasil, o professor Guerreiro Ramos escreveu uma dezena de artigos, que foram reunidos em uma publicação da UFSC,

*e o último artigo que ele escreveu foi sobre a curtição, a fruição de curtir a vida, os fenômenos sociológicos, mas como vida, que é uma maravilha. Ele via isso como um fenômeno especificamente brasileiro, muito brasileiro, ele pensava que o Brasil tinha um jeito, ele tem, inclusive, um artigo muito importante sobre o jeitinho, “esse jeitinho”, esse negócio que só no Brasil, tanto pro mal quanto para o bem. O jeitinho do povo brasileiro é se safar diante desse colosso que é esse Estado brasileiro injusto, burocrático e tudo mais, que tem degradado um pouco a nossa vida, que empobrece a vida de nossa cidadania. O Guerreiro faz a sua sociologia “em mangas de camisa”, isso é genial. É da própria noção de cidadania brasileira.*

### **Clovis Eugenio Georges Brigagão**



Possui graduação em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro (1968), mestrado em Ciência Política (Ciência Política) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), em 1970, doutorando em Ciência Política, Dept. C. Política, University of Chicago (1974), Notório Saber em Relações Internacionais pela Universidade Candido Mendes (2005) e doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é diretor do Centro de Estudos das Américas, da Universidade Candido Mendes, professor Adjunto do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professor visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGRI/ UERJ; membro do conselho da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, assessor científico da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ, membro do conselho fundador da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, membro do conselho científico do Centro Interdisciplinar de Estudos Econômicos, Coordenador do Grupo de Análise de Prevenção de Conflitos (GAPCon), IUPERJ/UCAM.

### **Principais Publicações:**

Relações Internacionais no Brasil: Instituições, Programas, Cursos e Redes. Rio de Janeiro: Gramma, 2004. v. 1.

Relações Internacionais Federativas no Brasil: Estados e Municípios. Rio de Janeiro: Gramma, 2005. v. 1.

Brizola. 1. ed. Petrópolis: Paz e Terra, 2015. v. 1. 288p .(coautoria com Ribeiro, T

### **Notas**

<sup>1</sup> Depoimento prestado por Clóvis Brigagão à Elisa Larkin Nascimento no Rio de Janeiro, em 2015.

Recebido em 26/02/2016

Aceito em 1º/03/2016